

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PIAUÍ - UESPI

ANTÔNIA CHAVES DOS SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO ENSINO DA FONÉTICA E
FONOLOGIA PARA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

**BOM JESUS
2025**

ANTÔNIA CHAVES DOS SANTOS

**REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO ENSINO DA FONÉTICA E
FONOLOGIA PARA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao
Curso de Licenciatura Plena em Letras – Inglês
da Universidade Estadual do Piauí como
requisito parcial à conclusão do curso, sob a
orientação da Profa. Francisca Maria Figueiredo.

**BOM JESUS
2025**

FOLHA DE APROVAÇÃO

**REFLEXÕES SOBRE O PAPEL DO ENSINO DA FONÉTICA E
FONOLOGIA PARA APRENDIZAGEM DA LÍNGUA INGLESA NA
EDUCAÇÃO BÁSICA**

TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO APROVADO EM ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof.
Presidente

Prof.
Membro

Prof.
Membro

Dedico aos meus pais, meu esposo,
minhas filhas e amigos nos quais
sempre estiveram presentes
durante toda minha jornada.

*A educação qualquer que seja ela,
é sempre uma teoria do
conhecimento posta em prática
(Paulo Freire).*

AGRADECIMENTOS

O desenvolvimento deste trabalho de conclusão de curso contou com a participação de várias pessoas importantes, dentre as quais eu agradeço profundamente. Agradeço à minha orientadora Professora Francisca Maria Figueiredo, por ter me auxiliado diretamente nesse processo tão importante da graduação. A todos os professores que compartilharam conhecimentos durante todo o curso sendo fundamentais no meu processo de formação. Aos meus pais, meu esposo, minhas filhas e amigos que sempre estiveram comigo durante toda a jornada. Esse momento é reflexo de gratidão e de sentimento de conquista.

RESUMO

No Brasil, o inglês é ensinado como língua estrangeira (LE), e seu domínio, principalmente na habilidade oral, é visto como um diferencial significativo em um mundo globalizado. No entanto, a aprendizagem dessa língua, especialmente no que tange à pronúncia, apresenta desafios que são amplamente sentidos tanto por professores quanto por alunos no contexto educacional brasileiro. Considerando esse contexto, o ensino da fonética e fonologia surge como disciplinas que auxiliam o processo de ensino da LE. Diante disso, o presente trabalho tem como objetivo: identificar a importância da fonética e da fonologia no ensino da Língua Inglesa. Na busca de alcançar o objetivo central deste estudo, desenvolveu-se uma pesquisa qualitativa com abordagem bibliográfica, tendo como principais autores: Souza, M. O. P (2009; Alves U. K (2015); Reis, V. G. M. (2023); Ferraz, D. Amorim, G. (2024); Rio, M. M. O.; Nicolaidese, C. S. (2019), dentre outros. Desse modo, o presente estudo constatou que a fonética e a fonologia devem andar juntas no processo de ensino da língua inglesa na educação básica a partir das aplicações práticas associadas ao ensino da pronúncia visando o desenvolvimento da conversação em inglês dos alunos que não possuem essa língua nativa.

Palavras-chave: ensino da língua inglesa; fonética; fonologia.

ABSTRACT

In Brazil, English is taught as a foreign language (FL), and its mastery, especially in oral skills, is seen as a significant differentiator in a globalized world. However, language learning, especially with regard to pronunciation, presents challenges that are widely felt by both teachers and students in the Brazilian educational context. Considering this context, the teaching of phonetics and phonology emerges as subjects that assist the FL teaching process. Given this, the present work aims to: identify the importance of phonetics and phonology in teaching the English language. In order to achieve the central objective of this study, qualitative research was developed with a bibliographical approach, with the main authors: Souza, M. O. P (2009; Alves U. K (2015); Reis, V. G. M. (2023); Ferraz, D. Amorim, G. (2024); Rio, M. M. O.; Nicolaides, C. S. (2019), among others, the present study found that. phonetics and phonology must go together in the process of teaching the English language in basic education based on the practical applications associated with teaching pronunciation, involving the development of conversation in English for students who do not speak this native language.

Keywords: English language teaching; phonetics; phonology.

LISTA DE QUADROS

Quadro 01: Trabalhos selecionados para a pesquisa.....	17
---	-----------

LISTA DE FLUXOGRAMAS

Fluxograma 01: Seleção das pesquisas.....	16
--	-----------

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 FONÉTICA E FONOLOGIA: ABORDAGENS CONCEITUAIS.....	12
2.1 Fonética.....	13
2.2 Fonologia.....	14
3 METODOLOGIA.....	15
3.1 Tipo de Pesquisa.....	15
3.4 Técnica de Coleta de Dados.....	15
4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	17
4.1 A importância da fonética e da fonologia no ensino da Língua Inglesa na educação básica.....	19
4.2 Desafios no ensino da pronúncia na disciplina de inglês para alunos da educação básica.....	21
4.3 A importância das ferramentas digitais para o ensino da produção oral em língua inglesa.....	23
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	26
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	27

1 INTRODUÇÃO

A língua inglesa é reconhecida como o idioma mais difundido no mundo, sendo amplamente utilizada em diversos contextos internacionais, como negócios, ciência e tecnologia, e em interações sociais. Ela é frequentemente considerada uma língua de poder (Bakhtin, 1999; Crystal, 2002), não apenas por seu uso massivo, mas também pelo status que confere a quem a domina, o que reflete diretamente em oportunidades educacionais e profissionais.

No Brasil, o inglês é ensinado como língua estrangeira (LE), e seu domínio, principalmente na habilidade oral, é visto como um diferencial significativo em um mundo globalizado. No entanto, a aprendizagem dessa língua, especialmente no que tange à pronúncia, apresenta desafios que são amplamente sentidos tanto por professores quanto por alunos no contexto educacional brasileiro (Anjos; Scheyerl; Torres, 2023).

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) estabelece que o ensino de língua estrangeira, particularmente o inglês, deve contemplar as quatro habilidades linguísticas: leitura, escrita, escuta e fala (Brasil, 2018). O documento recomenda, inclusive, que os alunos sejam expostos a uma variedade de sotaques e dialetos para promover uma compreensão mais ampla da língua inglesa em diferentes contextos de uso. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), por sua vez, já apontavam desde 1998 a importância de incorporar práticas voltadas ao desenvolvimento da pronúncia no ensino de línguas estrangeiras (Brasil, 1998). Nesse documento, destaca-se que, além do vocabulário e da gramática, os alunos devem desenvolver um conhecimento sólido dos sons da língua-alvo, pois a pronúncia adequada é crucial para uma comunicação eficiente (Neto; Pacheco; Pereira, 2024).

Um estudo recente do British Council (2015) revelou que nas escolas públicas brasileiras a ênfase quase sempre é na gramática da língua ao invés do seu aspecto comunicativo, com muita pouca ênfase na habilidade de ouvir e de falar que o ensino de línguas estrangeiras na escola mediana tem sido quase que inteiramente baseado no estudo de fórmulas gramaticais; a memorização de regras

e na língua escrita, proporcionando aos estudantes pouco contexto para uma aplicação prática da língua.

É necessário que os estudantes da educação básica sejam expostos a um estudo pelo menos introdutório dos fonemas de língua inglesa para que entendam que há diferenças na articulação e produção de fonemas semelhantes aos da língua portuguesa, bem como há fonemas diferentes na língua inglesa, alguns dos quais não existem na nossa língua. Dessa forma, a transferência de fonemas de uma língua para outra, que poderiam prejudicar a pronúncia do aluno, poderia ser minimizada ou evitada. Portanto, uma exposição prévia a um estudo dos diferentes fonemas da língua inglesa e dos símbolos fonéticos do IPA (International Phonetic Alphabet) seria relevante para estudantes de língua inglesa na educação básica (Araújo, 2021).

Diante disso, compreendendo a complexidade que esta discussão enseja tanto no âmbito acadêmico quanto social, o presente estudo tem como objetivo geral: identificar a importância da fonética e da fonologia no ensino da Língua Inglesa. Atrelado a este têm-se os seguintes objetivos específicos: apresentar os desafios no ensino da pronúncia na disciplina de inglês para alunos da educação básica e abordar a importância das ferramentas digitais para o ensino da produção oral em língua inglesa.

2. O ENSINO DA LÍNGUA INGLESA NO BRASIL

Após ser obrigado a sair de Portugal com ajuda de navios ingleses, acossado pelas tropas de Napoleão Bonaparte, D. João VI trouxe para o Brasil diversas iniciativas referentes à instrução pública. Dentre essas iniciativas, era necessário criar nesta capital uma cadeira de língua inglesa, porque, pela sua difusão e riqueza e o número de assuntos escritos nesta língua, a mesma convinha ao incremento e à prosperidade da instrução pública (Santos, Lima, 2011).

Desse modo, o ensino de língua inglesa se oficializou no país no início do século XIX em uma época em que juntamente com o francês possuía força e status político, cultural e comercial tanto no Brasil, quanto em toda a Europa,

especialmente se se considerar que se trata de um período pós-independência americana (1776) e revolução francesa (1789). Foi por meio da lei de 22 de junho de 1809 que se instituíram o ensino das línguas inglesa e francesa na Corte do Brasil (Marques, 2021).

É válido lembrar que o ensino de língua francesa no Brasil tinha prioridade até então visto que, para acesso ao ensino superior era obrigatório conhecer essa língua. Além disso, a importância atribuída à língua francesa era notavelmente maior do que à dada ao inglês já que o francês era considerado “língua universal” (Nogueira, 2007).

Entretanto, a língua inglesa passou a fazer parte do currículo obrigatório de determinados colégios e liceus apenas em 1837, sendo instituídos seu programa e carga horária. Todavia, no primeiro levantamento regional do ensino brasileiro, datado de 1852, o Dr. Antônio Gonçalves Dias definiu como “desgraçado” o estado das instituições provinciais por ele visitadas, isso em um contexto onde o inglês já fazia parte da maioria dos liceus, seminários, escolas normais e primárias de então (Oliveira, 1999).

Nesse contexto, foi com a fundação do Colégio Pedro II, em 1837 que o ensino das línguas modernas ganhou uma importância maior com um programa em que constavam sete anos de francês, cinco de inglês e três de alemão. Verificamos pela quantidade de anos de estudo direcionados ao francês nessa época, o tamanho do prestígio dessa língua nesse momento. Isso advém do gosto do monarca português, além de ser a língua estrangeira falada pela classe dominante no país (Vergueiro, 2009).

Na segunda metade do século XIX, o ensino do inglês “se manteve voltado para finalidades exclusivamente práticas, exigindo do aluno apenas os conhecimentos gramaticais necessários à leitura, versão e tradução de textos escritos e habilidades que eram cobradas nos exames de preparatórios das academias” (Oliveira, 1999, p. 166). Diante disso, em comparação com outras disciplinas, a língua inglesa manteve o número reduzido de aulas (Marques, 2021).

Considerando este cenário, desde 1855, data do início oficial do ensino de línguas estrangeiras (LE) no Brasil, foram elaborados uma série de documentos

oficiais que incidiram sobre o sistema educacional brasileiro e, conseqüentemente, no ensino da língua inglesa das escolas regulares do país. Tendo como pano de fundo algumas reflexões suscitadas pelos desafios e pelas mudanças pelas quais tem passado o ensino da língua inglesa nas escolas brasileiras ao longo da história (Camargo; Silva, 2017).

A partir de 1931, com a Reforma de Francisco Campos foi possível possibilitar mais ênfase ao ensino das línguas modernas. O Método Direto foi introduzido. No Método Direto, as instruções de sala de aula são conduzidas somente na língua alvo; somente o vocabulário do cotidiano era ensinado; o professor ensinava as expressões concretas através de demonstrações, objetos e figuras; as expressões abstratas e associadas a ideias; a gramática era ensinada por indução; novos assuntos eram introduzidos oralmente; conversação e compreensão oral eram ensinadas e a correta pronúncia e gramática eram enfatizadas. (Richard; Rodgers, 1986).

Em 1942, temos a Reforma Capanema que foi a que mais contribuiu para o ensino de línguas estrangeiras. Ela destinou 35 horas semanais para o ensino das línguas estrangeiras. As quatro habilidades: ler, escrever, compreensão oral e comunicação deveriam ser trabalhadas. Os objetivos eram: “educativos” (contribuir para a formação da mentalidade, desenvolvendo hábitos de observação e reflexão) e “culturais” (conhecimento da civilização estrangeira e capacidade de compreender tradições e ideais de outros povos) (Machado; Campos e Saunder, 2007, p. 04).

A partir das LDBs de 1961 e 1971 não foi possível incluir as línguas estrangeiras no currículo das disciplinas. Isso significou um retrocesso para o ensino de línguas estrangeiras no Brasil. A LDB de 1996 muda esse contexto determinando a obrigatoriedade do ensino de uma língua estrangeira no 1º e 2º graus, que tiveram seus nomes mudados para Ensino Fundamental e Ensino Médio (Rossato, 2012).

Desse modo, em 1998, surgiram os PCN's. Os PCN's, os quais não são um conjunto de leis como as LDBs, mas funcionam mais como sugestões para o ensino de língua inglesa. “A importância do inglês no mundo contemporâneo, pelos motivos de natureza político-econômica, não deixa dúvida sobre a necessidade de aprendê-lo.” (PCN's, 1998).

Baseado nesse contexto normativo, no Brasil, as decisões relativas ao ensino do inglês são tomadas em duas instâncias. A primeira é a federal. Nessa instância há três documentos fundamentais: a Constituição Federal, que garante o acesso à educação e a universalização do Ensino Básico; a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) (Brasil, 1996), que regula a estrutura e define a oferta do ensino em nível nacional, estadual e municipal, e os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) (Brasil, 1998; Brasil, 2000), que orientam as secretarias estaduais e municipais quanto ao conteúdo a ser ensinado. A instância federal também é responsável por ofertar materiais didáticos gratuitamente através do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).

3. FONÉTICA E FONOLOGIA: ABORDAGENS CONCEITUAIS

Para compreender as contribuições que a disciplina fonética e fonologia promove para o ensino da língua inglesa como LE, é necessário relacionar isso a seu objeto de estudo, e ao compreender o que ambas estudam, entender-se-á de que maneira elas contribuem para o processo de formação dos alunos da educação básica.

Os estudos linguísticos são divididos em muitas áreas, cada uma delas possui foco e métodos de análise próprios. Todas essas áreas têm importância para o processo de ensino e aprendizagem, pois cada uma contribui de um modo para que se aborde aspectos da linguagem humana, de forma mais direcionada. Diante disso, o presente capítulo irá abordar sobre conceitos que perpassam o estudo de fonética e fonologia.

3.1 Fonética

A fonética é uma ciência de grande relevância para o estudo de uma língua, quer seja materna ou estrangeira, considerando-se que tem uma unidade de estudo, o som, que é o fone, “menor segmento discreto perceptível de som em uma corrente da fala”, conforme assegura Crystal (1988), que é concretizado através do fonema,

menor unidade de estudo da fonologia, em outras palavras, uma “unidade mínima do sistema de sons de uma língua”.

Na concepção de Cristófar-Silva (2001), esta área da linguística compreende a ciência que apresenta os métodos para a descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles sons utilizados na linguagem humana”. A autora apresenta as áreas de atuação da fonética, caracterizando cada uma delas, como:

Fonética articulatória – compreende o estudo da produção da fala do ponto de vista fisiológico e articatório;

Fonética auditiva – compreende o estudo da percepção da fala;

Fonética acústica – compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala a partir de sua transmissão do falante ao ouvinte;

Fonética instrumental – compreende o estudo das propriedades físicas dos sons da fala, levando em consideração o apoio de instrumentos laboratoriais (Cristófar-Silva, 2001, p. 23).

Vale destacar, dentre as áreas de atuação da fonética, a importância da articulatória para o professor de língua materna, pois este, ao ensinar o idioma, utilizará este tipo de fonética para explicar aos seus alunos como os sons são articulados durante o ato de fala, mostrando os “caminhos” e os órgãos que o som percorre até ser exteriorizado (Carvalho, 2012). Diante disso, a fonética se interessa primordialmente pela natureza física dos sons e da fala (Trask, 2004, p. 117).

Ou seja, na prática, o professor de língua materna auxiliará os alunos para que eles possam compreender de que maneira os sons dos segmentos fônicos são produzidos no ato de fala, verificando como se dá o processo de realização desses sons, observando atentamente quais os órgãos que contribuem para a sua produção, como e de que modo são produzidos. Dessa forma, o aluno aprende com maturidade não sendo mero repetidor, mas utilizando conscientemente o processo de produção dos sons da fala (Carvalho, 2012).

3.2 Fonologia

É extremamente difícil pensar em fonologia sem pensar em fonética. E isso é muito natural, uma vez que ambas estudam o som, no entanto sob perspectivas diferentes, pois a fonologia tem como unidade de estudo o fonema, que é a

realização mental do fone, e a fonética, a sua realização fisiológica e psicoacústica. Dessa maneira, pode-se afirmar que uma disciplina complementa a outra, isto é, uma é a teoria e a outra a prática (Carvalho, 2012).

Cristófar-Silva (2011) define fonologia como uma disciplina “linguística que investiga o componente sonoro das línguas naturais do ponto de vista organizacional”. Ela acrescenta ainda que:

Determina a distribuição dos sons e o contraste entre eles, com ênfase na organização dos sistemas sonoros. Caracteriza também a boa formação das sílabas e dos aspectos suprasegmentais como, por exemplo, o tom e o acento. Relaciona-se com o estudo gramatical do conhecimento linguístico, ou seja, a competência. Tem interface com a fonética, com a morfologia e com a sintaxe (Cristófar-Silva, 2011, p. 110).

Desse modo, entende-se que a fonologia tem grande contribuição na formação do futuro professor de LE, visto que o auxiliará no conhecimento do sistema da sua língua, o que lhe possibilitará entender as funções e diferenças dos fonemas dentro do sistema de comunicação linguística. Nesse aspecto, ele precisa assimilar que os fonemas possuem características fônicas capazes de diferenciar significados (Carvalho, 2012).

3 METODOLOGIA

3.1 Tipo de Pesquisa

Na busca de alcançar os objetivos da presente pesquisa, desenvolveu-se um estudo com abordagem qualitativa. Segundo, Minayo (2001) esse tipo de pesquisa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com nível de realidade que não pode ser quantificado. A pesquisa qualitativa envolve um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores atitudes, correspondendo a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis.

A partir dessa abordagem, utilizou-se como estratégia, segundo Creswell (2007) a pesquisa bibliográfica que constituiu a base e o desenvolvimento deste estudo, buscando conhecer a discussão acerca da temática escolhida tomando por base as produções científicas existentes.

Ou seja, este método consiste em produzir conhecimentos através de trabalhos já publicados anteriormente, desde que se trate de um determinado tema específico, tendo como finalidade reunir, e resumir o conhecimento científico, antes produzido sobre o assunto investigado. Além disso, avalia e busca nas evidências disponíveis a contribuição para o desenvolvimento da temática em questão (Mendes; Silveira; Galvão, 2008).

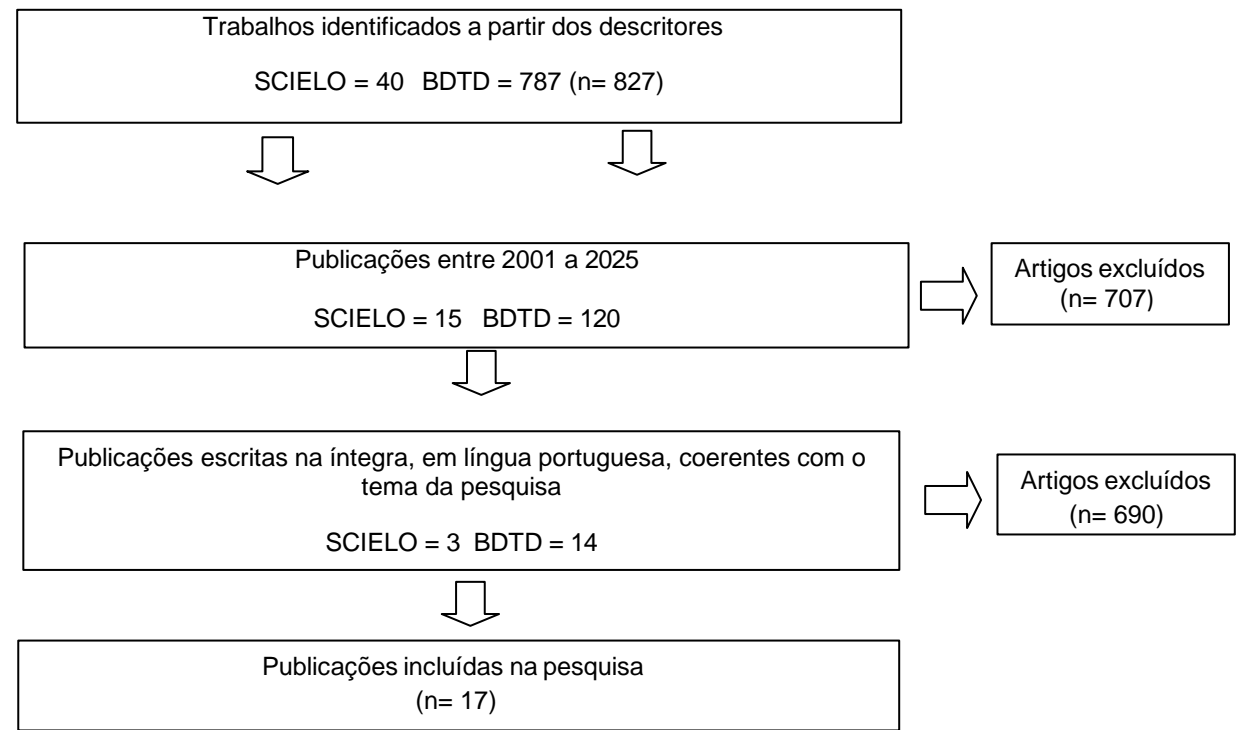
3.2 Técnica de Coleta de Dados

A coleta de dados se deu por etapas. A primeira se caracterizou pela busca dos trabalhos já publicados nas bases de dados eletrônicos: *Scientific Electronic Library Online* (SCIELO) e na *Biblioteca Digital de Teses e Dissertações* (BDTD), a partir dos descritores: fonética, fonologia e ensino da língua inglesa.

Considerando o quantitativo de trabalhos encontrados a segunda etapa se baseou na aplicação dos critérios de inclusão e exclusão, sendo incluídas as pesquisas publicadas entre 2001 a 2025, escritas na íntegra, em língua portuguesa e que se encontravam coerentes com o tema da pesquisa. Excluíram-se os trabalhos publicados em período anterior ao informado acima, incompletos apenas com resumo, escritos em outras línguas que diferem da portuguesa, estudos duplicados, assim como, os que não apresentavam ideias coerentes com os objetivos da temática em questão.

Após esta seleção, a etapa seguinte se definiu pela leitura criteriosa e detalhada dos estudos recuperados, realizando assim, uma análise crítica dos trabalhos que integram este estudo a fim de possibilitar, examinar e organizar os dados, com o objetivo de produzir conhecimento sobre o tema abordado. Diante disso, o fluxograma, abaixo, apresenta as etapas e seleções dos trabalhos.

Fluxograma 1: Seleção das pesquisas:



Fonte: autor (2025)

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

O quadro 1, abaixo, apresenta 17 pesquisas nas quais foram selecionadas a partir dos critérios supracitados, seguindo o padrão de organização das informações com base no periódico e ano de publicação, autor (a) (es), título e delineamento metodológico. Os estudos foram interpretados e sintetizados por meio de uma análise comparativo e reflexiva diante dos dados identificados a partir da pesquisa bibliográfica.

Quadro 1: Trabalhos selecionados para a pesquisa.

Periódico e ano de publicação	Autor (a) (es)	Título	Delineamento metodológico
Revista Protolíngua, 2009	SOUZA, M. O. P	A fonética como importante componente comunicativo para o	Pesquisa bibliográfica

		ensino de língua estrangeira.	
UFPB, 2021	ARAÚJO, G. S.	Reflexões sobre o papel do ensino de fonética para aprendizagem de língua inglesa no ensino médio	Pesquisa descritiva, de caráter qualitativo
Revista Práxis, 2009	LAMPRECHT, R. R.; FRAGOZO, C. S.	O ensino explícito e comunicativo de pronúncia de le: caminhos para a consciência fonético-fonológica.	Pesquisa bibliográfica
Anais do V Seminário de Língua Estrangeira - UFG, 2003	SILVA, F. A.; SILVA, T. C.	Contribuições da fonética e da fonologia ao ensino de língua estrangeira: o caso das vogais altas frontais e do glide/j/ no inglês e no português brasileiro.	Pesquisa qualitativa com análise estatística.
Versalete, 2015.	ALVES, U. K.	Ensino de pronúncia na sala de aula de língua estrangeira: questões de discussão a partir de uma concepção de língua como sistema adaptativo e complexo.	Pesquisa bibliográfica
UNAMA, 2001.	SANTOS, A. L. P.	A realidade do ensino da língua inglesa nas escolas de ensino médio com base nos novos PCNs: uma visão crítica comparativa.	Abordagem comparativa
UFRJ, 2023.	REIS, V. G. M.	Crenças sobre o ensino de pronúncia: pesquisa e prática docente na formação inicial de professores de língua inglesa	Pesquisa qualitativa, de viés interpretativista e do tipo estudo de caso
Anais FLIPA, 2018.	LOPES, M. A. F.; CAVALCANTE, M. A. S.	A importância da sociolinguística educacional: reflexões sobre o ensino de língua portuguesa.	Pesquisa bibliográfica
Fólio - Revista De Letras, 2024.	ANJOS, F. A.	Percepções de professores brasileiros de língua inglesa em formação sobre dificuldades para desenvolver habilidades.	Aplicação de questionários e entrevistas.
Contribuciones a Las Ciencias Sociales, 2024.	NETO, F. G. S.; PACHECO, V.; PEREIRA, E. S	Dificuldades e estratégias para o ensino de pronúncia em inglês: um estudo com professores do NTE 23.	Pesquisa quantitativa
UFAM, 2023.	SILVA, E. O.; NOGUEIRA, V. B.	Dificuldades na aprendizagem da língua inglesa no ensino fundamental em escolas do município de Humaitá.	Pesquisa bibliográfica associada à aplicação de questionários.

RBLA, 2018.	GOMES, J. R. C.; PAULINO, C. S. M.; TEIXEIRA, G	Affordances de tecnologias digitais para o desenvolvimento de habilidades orais em inglês.	Pesquisa qualitativa com aplicação de questionários
Fragmentos, 2006.	TUMOLO, C. H.	Ensino a distância: horizontes para o ensino de línguas estrangeiras.	Pesquisa bibliográfica
Research, Society and Development, 2022.	SANTOS, J. C.; SOARES, E. S.; COSTA, M. S. S. P.	Ferramentas digitais para o ensino da produção oral em língua inglesa de estudantes equatorianos: uma revisão sistemática.	Revisão de literatura.
Ama filmes, 2015.	PENIDO, A.	Especial Tecnologia na educação: por que usar tecnologia.	Pesquisa bibliográfica.
Ed. dos autores, 2024.	FERRAZ, D. AMORIM, G.	Manual de boas práticas ensino e aprendizagem de línguas e tecnologias digitais.	Revisão de literatura.
Revista Educar Mais, 2019.	RIO, M. M. O.; NICOLAIDES, C. S.	Tecnologias digitais no desenvolvimento da oralidade em Língua Inglesa na escola pública.	Pesquisa qualitativa.

Fonte: autor (2025).

4.1 A importância da fonética e da fonologia no ensino da Língua Inglesa na educação básica.

O inglês é uma língua estrangeira moderna, falada em países importantes no cenário econômico e político mundial, como Estados Unidos, Canadá e Reino Unido, por exemplo. Além disso, a língua inglesa é usada como língua franca em todo o mundo. O ensino de inglês como língua estrangeira é obrigatório nas escolas públicas em todo o Brasil. Na cultura popular, músicas e filmes internacionais, em inglês, fazem parte do dia a dia, pelo menos em alguma medida, da grande maioria dos brasileiros (Souza, 2009).

Diante da relevância do ensino da língua inglesa no processo de aprendizagem na educação básica, o estudo de fonética e da fonologia tem um papel relevante neste processo. Esse estudo leva os estudantes a compreender melhor o que é falado por nativos e também os ajuda a ter uma pronúncia mais

clara. Entretanto, muitos alunos sentem dificuldades, porque a língua inglesa diverge da língua portuguesa na sua fonologia e ortografia; em muitos casos, a ortografia da língua inglesa correspondendo praticamente em nada à sua pronúncia (Araújo, 2021).

Aprender Inglês “propicia a criação de novas formas de engajamento e participação dos alunos em um mundo social cada vez mais globalizado e plural”, possibilitando, como consequência, que o aluno participe criticamente da sociedade, exercitando ativamente a sua cidadania, ampliando as oportunidades de mobilidade e interação e prosseguindo nos estudos para a aquisição de novos conhecimentos (Brasil, 2018). Segundo Brasil (2018, p. 494):

Na etapa do Ensino Fundamental II, a BNCC propõe eixos organizadores para o ensino da Língua Inglesa: oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural. Para o Ensino Médio, a BNCC inclui o Inglês na área de Linguagens e Suas Tecnologias, porque espera que o estudante desenvolva a sua autonomia, exercitando seu protagonismo por meio da autoria no uso prático dos diferentes tipos de linguagem. A BNCC estabelece que os estudantes aprofundem o que foi estudado durante os anos finais do Ensino Fundamental (Ensino Fundamental II), utilizando a Língua Inglesa nas suas práticas sociais e culturais (onde se inclui o universo digital), com ênfase nos multiletramentos, ampliando seu repertório linguístico. Em termos de uso e produção linguística é possível verificar a inclusão/participação da língua em diversas competências e habilidades da área de Linguagens e Suas Tecnologias, mas é na competência específica de número 4 que o Inglês é citado especificamente: “(EM13LGG403) Fazer uso do Inglês como língua de comunicação global, levando em conta a multiplicidade e variedade de usos, usuários e funções dessa língua no mundo contemporâneo” (Brasil, 2018, p. 494).

Considerando as presentes determinações, Souza (2009) afirma que não faz sentido o ensino de inglês nas escolas sem a devida atenção à pronúncia correta deste idioma, tendo em vista que, a pronúncia está diretamente relacionada com a comunicação eficaz.

Nesse contexto, os campos científicos que tratam dos sons da língua, sua articulação e produção são a fonética e fonologia. Esses dois campos se complementam. A fonética trata dos diferentes fonemas da língua e da sua articulação, como são produzidos pelo aparelho fonador. Já a fonologia trata de

outros elementos, chamados elementos suprasegmentais, que tem a ver com entonação, ritmo e acentuação (Lamprecht e Fragozo, 2009).

Diante disso, é necessário possibilitar aos alunos o entendimento dos aspectos fonético-fonológicos da língua inglesa para que eles possam tanto perceber quanto refletir sobre sua pronúncia e daí possam tanto compreender o input oral, como falar de forma mais inteligível para outros falantes, sejam nativos ou não nativos (Araújo, 2021).

Desse modo, a relevância da fonética e fonologia para o ensino e aprendizagem da língua inglesa está no fato de ambas se complementarem nos estudos dos sons e da fala. Enquanto a fonética é basicamente descritiva e se baseia nos processos de percepção e de produção dos sons, a fonologia possui uma abordagem interpretativa e tem como enfoque o comportamento dos sons dentro de uma língua (Silva; Silva, 2003).

Baseado nesse contexto, Alves (2015) cita que é extremamente importante que os professores utilizem ferramentas metodológicas que auxiliem os alunos na pronúncia correta da língua inglesa, uma vez que, irá contribuir diretamente com o desenvolvimento de habilidades comunicativas.

Sendo assim, o desenvolvimento da oralidade acompanhado pelo enriquecimento vocabular fará do falante um ser em comunicação ampliada, ou seja, a outros sistemas de comunicação, a linguagem traz sem dúvida, uma participação maior no mundo, uma vez que, se cria um campo comum entre o nativo e o estudante (Santos, 2001). De acordo com Araújo (2021, p.6):

O ensino da pronúncia em língua inglesa é muito importante, pois se o aluno não aprende a pronunciar de forma inteligível palavras ou frases em inglês, ele pode não ser compreendido ao falar com outros usuários dessa língua. Além disso, o aluno que não conhece o sistema fônico da língua inglesa terá mais dificuldade em compreender o que ele ouve em exercícios nas aulas, em filmes, músicas e outras situações, podendo até confundir-se. O estudo da pronúncia como um conteúdo separado das aulas de conversação em língua inglesa, sendo reforçado nessas aulas, vai facilitar o caminho para que os estudantes possam desenvolver suas habilidades orais (ouvir e falar) por meio do reconhecimento de símbolos fonéticos (Araújo, 2021, p. 6).

Com base na abordagem supracitada a fonética e a fonologia assumem um papel fundamental no processo de ensino e aprendizagem, principalmente por estar relacionada a um aspecto complexo da língua, o aspecto sonoro no qual o aprendiz encontra suas maiores dificuldades. Baseado nisso, é importante destacar a relevância da qualificação docente, pois um professor qualificado irá auxiliar o aluno a tomar consciência dos contrastes existentes entre a língua portuguesa e a língua inglesa.

4.2 Desafios no ensino da pronúncia na disciplina de inglês para alunos da educação básica.

O ensino de pronúncia no contexto brasileiro de ensino de inglês como língua estrangeira tem sido uma área frequentemente subestimada e negligenciada, tanto nas formações de professores quanto nas práticas de sala de aula (Reis, 2023). Dessa forma, embora a proficiência oral seja reconhecida como um componente essencial da aprendizagem de línguas, a pronúncia é, muitas vezes, relegada a segundo plano, sendo abordada de maneira superficial ou, em muitos casos, completamente omitida no planejamento pedagógico.

Segundo Lopes e Cavalcante (2018) esta realidade é observada dentro da realidade escolar, uma vez que ainda tem sido priorizado o ensino que condiz com regras gramaticais, deixando a conversação em segundo plano. Nesse sentido, a pronúncia no ensino de inglês frequentemente recebe menos atenção nas salas de aula, sendo negligenciada tanto no planejamento pedagógico quanto no treinamento dos alunos.

Entretanto, segundo a Lei de Diretrizes e Bases (LDB, 1996), o aluno tem direito a estudar a língua estrangeira desde o ensino fundamental, mas é notório em muitas escolas brasileiras a desvalorização desse ensino, a língua estrangeira não é vista como um dos fatores importantes na formação dos alunos. De acordo, com o PCN (1998) essa desvalorização ocorre por muitos motivos, entre eles estão: a retirada da disciplina do currículo, carga horária reduzida nas aulas e falta de capacitação dos professores. Esses fatores contribuem para que o ensino e

aprendizagem da língua estrangeira se tornem algo desmotivante, tanto para alunos, quanto para os professores

Essa realidade reflete diretamente nas dificuldades enfrentadas tanto por professores quanto por alunos ao se comunicar em inglês, uma vez que muitos professores não se sentem aptos para ensinar pronúncia devido à falta de formação específica durante sua graduação, bem como outros fatores, como, por exemplo, insegurança e falta de prática (Anjos, 2024). Dessa forma, a pronúncia se torna um desafio especialmente significativo no Brasil, um país onde o domínio da língua inglesa ainda está aquém das expectativas globais, como aponta o British Council (2014).

Através do estudo realizado por Neto, Pacheco e Pereira (2024), com 25 professores foi possível atestar a relação direta entre a dificuldade para ensinar pronúncia em inglês e o desconhecimento e a falta de utilização dos preceitos teóricos e metodológicos da Fonética e da Fonologia. No presente trabalho os autores identificaram que 76% dos docentes desconhecem Fonética e Fonologia (afirmaram não terem presenciado esse conteúdo em suas graduações) e 24% afirmaram que não usam mesmo tendo contato com esse conhecimento na graduação.

Nesse contexto, em um cenário educacional em que o professor possui dificuldades com a língua inglesa ou até desconhecimento acerca da parte estrutural/fonológica do idioma ensinado/estudado, o input fornecido ao aluno pode interferir diretamente em sua aprendizagem (Neto; Pacheco; Pereira, 2024).

Diante desse cenário, para um estudante de língua estrangeira ter uma aprendizagem eficaz, principalmente para aqueles que não têm a oportunidade de estar em contato com falantes fluentes do idioma, é necessário estar em um ambiente que possibilite o aluno desenvolver habilidades comunicativas (Silva e Nogueira, 2023).

Baseado nisso, é preciso repensar sobre o processo de formação inicial dos docentes em LE, bem como incentivar o processo de formação continuada possibilitando ao professor uma qualificação adequada para o uso de metodologias ativas que despertem no aluno o interesse em aprender. Considerando o contexto

supracitado, a seguir apresenta a importância das tecnologias no ensino no ensino da produção oral em língua inglesa.

4.3 A importância das ferramentas digitais para o ensino da produção oral em língua inglesa.

Muitos estudantes almejam ter uma perfeita produção oral sem erros e com fluidez. Entretanto, desenvolver as habilidades orais em um contexto de ensino de língua estrangeira pode ser uma dificuldade tanto para alunos quanto para professores (Gomes e Puccini, 2019). Dessa maneira, algumas ações devem ser tomadas no momento de planejar uma aula, como a busca de recursos que possam motivar os alunos nesse processo ou temáticas significativas para o aprendiz. Uma forma que podem trabalhar com esses dois aspectos são as ferramentas digitais (Gomes et al., 2018).

As tecnologias estão cada vez mais presentes na vida das pessoas. Diariamente usamos nossos *smartphones*, *E-mail*, *WhatsApp*, *Instagram*, *Skype*, dentre outros aplicativos para facilitar nossas atividades cotidianas e também laborais. No contexto de ensino e aprendizagem de línguas, estudos com os de Tumolo (2006) vêm mostrando avanços significativos para a prática e desenvolvimento das habilidades linguísticas através de recursos tecnológicos. De acordo com Santos, Soares e Costa (2022, p. 9):

As ferramentas digitais podem ser utilizadas com o objetivo de auxiliar a prática pedagógica no contexto educacional. Aplicativos como *Whatsapp* e *Soundcloud*, que foram criados para outros fins, permitem aos estudantes gravarem suas vozes falando inglês com o intuito de praticar a pronúncia. Cabe ao professor conhecer essas ferramentas e adaptá-las aos objetivos das práticas pedagógicas (Santos; Soares; Costa, 2022, p. 9).

Considerando o contexto supracitado, ao analisar a visão dos autores, é possível constatar que a utilização de ferramentas digitais como métodos pedagógicos voltados para o ensino da pronúncia em língua inglesa é de fundamental importância, uma vez que, torna a aula mais atrativa para os alunos.

Nesse contexto, Penido (2015) cita em três benefícios alcançados pelo uso da tecnologia na educação, tais como:

- Equidade: ampliação do acesso a recursos de qualidade, como vídeo aulas, plataformas, games, além da personalização do ensino;
- Qualidade: oferta de recursos diversificados, interativos e dinâmicos que auxiliem o professor na criação de novas estratégias pedagógicas e o aluno a entender e aplicar o conhecimento.
- Contemporaneidade: aproximação da educação ao universo dos alunos do século XXI, preparando-os para a vida cada vez mais mediada pelos recursos tecnológicos.

Trazendo essa abordagem para o ensino de inglês em língua estrangeira, principalmente no que concerne à conversação, os docentes podem associar os benefícios da equidade, qualidade e contemporaneidade em sala de aula, através da apresentação de filmes legendados, realizar atividades em grupo e solicitar para os alunos estudarem a letra de músicas em inglês, compreendendo sua tradução e realizar apresentações musicais, utilizar jogos digitais, dentre outras.

Há uma gama de ferramentas e recursos a serem explorados e é relevante citar que o uso da tecnologia no processo educacional é mais do que uma necessidade, é sim uma questão de coerência com o cenário em que vivemos não esquecendo as considerações culturais, sociais e de qualificação dos professores participantes dessa nova experiência (Ferraz; Amorim, 2024).

Compreendendo a relevância que esta discussão enseja, Rio e Nicolaidess (2019) desenvolveram um estudo envolvendo o uso das tecnologias digitais no desenvolvimento da oralidade em uma escola pública. Através deste estudo constataram que as tecnologias digitais são ferramentas promissoras especificamente no que concerne a essa habilidade, tanto para resultados imediatos quanto para ganhos a longo prazo pois uma vez utilizadas de forma crítica e dentro do contexto, demonstram suas diversas possibilidades e ganhos no ensino do Inglês.

Desse modo, a mediação tecnológica no ensino da pronúncia do inglês em sala de aula proporciona um efeito positivo. Segundo Aragão e Ferreira (2022) esta

ação promove a autoconfiança, reduzindo a ansiedade relacionada à comunicação oral, desenvolvendo a autonomia nos estudantes.

O ensino da pronúncia da língua inglesa, através da utilização de ferramentas digitais, proporciona o trabalho em equipe, a organização de grupos de estudos e a troca de ideias entre os pares, o que requer uma presença mais constante no ambiente digital. Desta maneira, como qualquer ferramenta de ensino, os recursos tecnológicos devem ser utilizados e adaptados para servir a fins educacionais, isto é, os professores e estudantes também devem procurar explorar em suas atividades a partilha de materiais (como vídeos, arquivos PDF e links) e recursos (softwares de criação de texto, imagens e vídeos; jogos; plataformas e redes sociais) (Ferraz, Amorim, 2024).

Considerando que o uso destas ferramentas digitais pode tornar as aulas de língua inglesa mais dinâmicas e atrativas para os alunos, potencializando a aprendizagem do idioma, fica clara também a importância da devida preparação dos docentes para o uso destes recursos, sendo fundamental que haja uma formação continuada dos professores de língua inglesa (Lima, 2021).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo reúne resultados e reflexões acerca do papel da fonética e da fonologia no processo de ensino e aprendizagem da língua inglesa na educação básica, principalmente no que concerne ao ensino da pronúncia, abordando desde a sua importância, os desafios vivenciados no contexto educacional e a relevância da utilização dos métodos de ensino inovadores associados ao uso das tecnologias para possibilitar maior atratividade da disciplina para os alunos.

A partir disso, conclui-se que a fonética e a fonologia devem andar juntas no processo de ensino da língua inglesa na educação básica a partir das aplicações práticas associadas ao ensino da pronúncia visando o desenvolvimento da conversação em inglês dos alunos que não possuem essa língua nativa. Entretanto, este trabalho elenca uma discussão importante muito embora muitos professores

negligenciam o ensino da pronúncia, focando apenas em repassar conteúdos gramaticais e de estruturação das palavras.

Diante das visões dos autores expressos nesta pesquisa, esse fato se deve pela falta de capacitação docente, sendo necessário investir em programas de incentivo de formação continuada para que os professores se sintam seguros em ensinar a língua inglesa abordando os eixos: oralidade, leitura, escrita, conhecimentos linguísticos e dimensão intercultural.

Desse modo, em uma visão otimista, o professor qualificado poderá superar os desafios, sendo capaz de utilizar métodos de ensino inovadores auxiliando-o no processo de ensino e contribuindo diretamente na aprendizagem dos alunos. Baseado nisso, conclui-se que uma ferramenta promissora para o ensino da língua inglesa na educação básica, bem como no que concerne o ensino da pronúncia da língua falada, são os recursos tecnológicos, repleto de possibilidades para ideias e projetos que derrubem os muros que separam a escola do mundo real, viabilizando ao estudante uma educação formal significativa à vida.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, U. K. **Ensino de pronúncia na sala de aula de língua estrangeira:** questões de discussão a partir de uma concepção de língua como sistema adaptativo e complexo. Curitiba: Versalete, v. 3, n. 5, p. 374-396, 2015.

ARAGÃO, R. C.; FERREIRA, K. **Emoções e tecnologias digitais no ensino-aprendizagem de Língua Inglesa.** Salvador: Revista Tabuleiro de Letras, v. 16, nº 1, p. 146-166, jun. 2022.

ARAÚJO, G. S. **Reflexões sobre o papel do ensino de fonética para aprendizagem de língua inglesa no ensino médio.** Mamanguape: UFPB, 2021.

ANJOS, F. A. **Percepções de professores brasileiros de língua inglesa em formação sobre dificuldades para desenvolver habilidades.** Vitória da Conquista : Fólio - Revista De Letras, v. 15, n. 1, p. 86-105, jul. 2024.

BRASIL. **Lei Nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996.** Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm. Acesso em: 20 de dez de 2024.

BRASIL, **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília, 2018. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 9 de dezembro de 2024.

BRASIL. **Secretaria de Educação Média e Tecnológica.** Parâmetros curriculares nacionais (ensino médio) - linguagens, códigos e suas tecnologias. Brasília: MEC, 2000.

BRASIL. **Secretaria de Educação Fundamental.** Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: introdução aos parâmetros curriculares nacionais. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BRITISH COUNCIL. **Aprendendo Inglês no Brasil: Compreendendo os objetivos e expectativas das classes médias emergentes brasileiras.** São Paulo: British Council Brasil, 2014.

FERRAZ, D.; Amorim, G. **Manual de boas práticas ensino e aprendizagem de línguas e tecnologias digitais.** São Paulo: Ed. dos autores, 2024.

GOMES, J. R. C.; PAULINO, C. S. M.; TEIXEIRA, G. **Affordances de tecnologias digitais para o desenvolvimento de habilidades orais em inglês.** RBLA 18(1), 57-78, 2018.

LAMPRECHT, R. R.; FRAGOZO, C. S. **O ensino explícito e comunicativo de pronúncia de le: caminhos para a consciência fonético-fonológica.** Novo Hamburgo: Revista Prâxis, v. 1, p. 49-56, jan/jun, 2009.

LIMA, M. E. S. **O uso de tecnologias digitais nas aulas de língua inglesa: importância dessas ferramentas para o aprendizado do inglês.** Mamanguape: UFPB, 2021.

LOPES, M. A. F.; CAVALCANTE, M. A. S. **A importância da sociolinguística educacional: reflexões sobre o ensino de língua portuguesa.** Anais FLIPA, p. 88-98, 2018. Disponível em: https://www.unirios.edu.br/eventos/flipa/anais/arquivos/2018/a_importancia_da_sociolinguistica_educacional.pdf. Acesso em: 15 de dezembro de 2024.

MACHADO, R.; CAMPOS, T. R. e SAUNDERS, M. C. **História do ensino de línguas no Brasil: avanços e retrocessos**. Revista Helbano, Vol. 01, No. 02. Brasília: UNB, 2007.

MARQUES, W. **Aspectos históricos do ensino de língua inglesa no Brasil: uma análise discursiva do sujeito na publicidade audiovisual de cursos de idiomas**. Alfa, São Paulo, v.65, 2021.

NETO, F. G. S.; PACHECO, V.; PEREIRA, E. S. **Dificuldades e estratégias para o ensino de pronúncia em inglês: um estudo com professores do NTE 23**. Contribuciones a Las Ciencias Sociales, São José dos Pinhais, v.17, n.10, p. 01-16, 2024.

NOGUEIRA, M. C. Branco. **Ouvindo a voz do (pré) adolescente brasileiro da geração digital sobre o livro didático de inglês desenvolvido no Brasil**. Dissertação (Mestrado em Letras). Rio de Janeiro/RJ. Departamento de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007. 182 f

OLIVEIRA, L. E. M. de. **A historiografia brasileira da literatura inglesa: uma história do ensino de inglês no Brasil (1809-1951)**. 189 f. 1999. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 1999.

PENIDO, A. **Especial Tecnologia na educação: por que usar tecnologia**. Ama filmes, 2015.

REIS, V. G. M. **Crenças sobre o ensino de pronúncia: pesquisa e prática docente na formação inicial de professores de língua inglesa**. 2023. 186 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

RIO, M. M. O.; NICOLAIDES, C. S. **Tecnologias digitais no desenvolvimento da oralidade em Língua Inglesa na escola pública**. Revista Educar Mais, Pelotas, v. 3, nº 3, p. 38-45, out. 2019. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1611/1243>. Acesso em: 23 ago. 2024.

RICHARDS, J. R. T. **Abordagens e métodos no ensino de línguas**. Nova York: Cambridge University Press, 1986.

ROSSATO, V. **As diferentes metodologias de ensino da língua inglesa em diferentes segmentos de ensino**. Revista Eventos Pedagógicos, v. 03, No. 01. Sinop: 2012.

SANTOS, A.L.P. **A realidade do ensino da língua inglesa nas escolas de ensino médio com base nos novos PCNs: uma visão crítica comparativa.** Trabalho de conclusão de curso. Belém/PA: Universidade da Amazônia (UNAMA), 2001.

SANTOS, J. A.; LIMA, D. C. **Ensino de língua inglesa no brasil: as páginas que estão sendo viradas.** Fólio Revista de Letras, Vitória da Conquista, v. 3, n. 2, p. 333-349jul./dez. 2011.

SANTOS, J. C.; SOARES, E. S.; COSTA, M. S. S. P. **Ferramentas digitais para o ensino da produção oral em língua inglesa de estudantes equatorianos: uma revisão sistemática.** Research, Society and Development, v. 11, n. 8, 2022.

SILVA, E. O.; NOGUEIRA, V. B. **Dificuldades na aprendizagem da língua inglesa no ensino fundamental em escolas do município de Humaitá.** Universidade Federal Do Amazonas, 2023.

SILVA, F. A.; SILVA, T. C. **Contribuições da fonética e da fonologia ao ensino de língua estrangeira: o caso das vogais altas frontais e do glide/j/ no inglês e no português brasileiro.** Anais do V Seminário de Língua Estrangeira - UFG, 2003.

SILVA, T. C. **Fonética e Fonologia: Perspectivas Complementares.** Vitória da Conquista: Estudos da Língua(gem), n.3, p.25-40, 2006.

SOUZA, M. O. P. **A fonética como importante componente comunicativo para o ensino de língua estrangeira.** Revista Protolíngua, v. 2, n.1, p. 33- 43, 2009.

TUMOLO, C. H. (2006). **Ensino a distância: horizontes para o ensino de línguas estrangeiras.** Fragmentos, 30(1), 25-34. Disponível em: <https://doi.org/10.5007/fragmentos.v30i0.8202>. Acesso em: 22 de dezembro de 2024.

TRASK, R. L. **Dicionário de Linguagem e Linguística.** São Paulo: Contexto, 2004.

VERGUEIRO, T. O. N. **Professores de francês apesar de tudo:o papel das representações sociais nessa história de persistência.** Dissertação (Mestrado em linguística) Porto Alegre/RS: Instituto de Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2009. 142 f.

